

PREVALÊNCIA DE DISLEXIA E FATORES ASSOCIADOS DO 1º AO 4º ANOS.
GUTIERREZ, Liza¹ MsC-UFPEL ; TOMASI, Elaine² PhD –UFPEL

¹UFPEL/lizagut@yahoo.com.br

²UFPEL/tomasiet@gmail.com

INTRODUÇÃO

O transtorno de aprendizagem de leitura é tema bastante antigo e constante nos meios educacionais, na fonoaudiologia e na psicologia cognitiva e do desenvolvimento, promovendo, assim, um interesse multidisciplinar. A dislexia do desenvolvimento é um distúrbio específico de aprendizagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza por dificuldades de reconhecimento preciso e/ou fluente de palavras e por poucas habilidades de ortografia e de decodificação. Essas dificuldades geralmente resultam de um *déficit* no componente fonológico da linguagem, que costuma ser independente em relação a outras habilidades cognitivas e à existência de instrução efetiva na sala de aula, segundo (Ellis e Batista, 2001; Stackhouse, Snowling *et al.*, 2004; Rotta, Ohlweiler *et al.*, 2007). A Associação Internacional de Dislexia em 2011 classifica o distúrbio como “dificuldade com o reconhecimento correto e/ou fluente da palavra e por habilidades de decodificação e ortografia pobres”.

A prevalência de dislexia tem sido estimada em uma faixa que varia de 5% a 17% da população mundial em idade escolar e, de modo geral, os transtornos de leitura apresentam historicamente estimativas de prevalência de 10 a 15% da mesma população. A definição de dislexia entende a dificuldade de leitura como uma discrepância entre o escore de leitura real da criança e o escore de leitura previsto a partir da idade cronológica ou do quociente de inteligência - QI (ou em ambos). A classificação do transtorno de aprendizagem específico de leitura, não comportando perda auditiva e/ou *déficit* cognitivo, serviu de base a presente pesquisa segundo (Farrel, 2008; Fletcher, 2009).

A leitura de palavra isolada é fundamental para o processo de compreensão da linguagem escrita, e dá início ao processo cognitivo em que o leitor reúne informações para tornar a mensagem significativa. Em termos cognitivo-linguísticos, dentre os processos de leitura, é fundamental o reconhecimento de palavras (acesso ao léxico mental), e essa relação envolve a combinação entre informações contextuais, visuais, fonológicas e ortográficas, para as autoras (Corso e Salles, 2009)

Crianças com dificuldades de leitura podem apresentar um mau desempenho escolar de modo geral, visto que a leitura é condição essencial para o aprendizado dos conteúdos escolares. O Brasil, segundo relatório do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que em 2006 avaliou o desempenho de leitura em alunos com 15 anos de 56 países, e de acordo com as últimas atualizações eletrônicas, ficou em 49º lugar (Inep). Pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que varia de 0 a 10, a média do país foi de 4.4. O índice é calculado a partir dos dados de aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e médias de desempenho nas avaliações do INEP, e da Prova Brasil para os municípios. É importante referir que no RS o índice do IDEB foi de 4.9, em Pelotas a média foi 4.2 e nas escolas do estudo as médias foram 3.4 e 4.5, na estadual e municipal, respectivamente pelo INEP. O presente estudo teve como objetivos descrever a prevalência de dislexia e investigar sua associação com fatores demográficos e socioeconômicos, assim como entre transtornos emocionais e de conduta, em duas escolas públicas (uma municipal e outra estadual) no município de Pelotas/RS.

MÉTODOS

O delineamento do presente estudo foi observacional e transversal, a amostra foi de conveniência, composta pelos escolares do 1^a ao 4^a ano de dois estabelecimentos localizados na zona urbana de Pelotas (RS), totalizando 540 alunos.

Inicialmente, foi realizada uma visita domiciliar para aplicação dos questionários, que continham informações sociodemográficas e educacionais – crianças e responsáveis – após esclarecimentos sobre o programa.

Além do questionário aplicado aos responsáveis, as crianças responderam a um instrumento que rastreou problemas de saúde mental infantil, com 25 itens divididos em cinco subescalas: problemas emocionais, hiperatividade, relacionamento, conduta e comportamento e pró-social, com cinco itens em cada subescala: *SDQ-Strengths and difficulties questionnaire*/Questionário de capacidades e dificuldades (Ramos Cury and José Hércules Golfeto, 2003). Crianças com menos de 11 anos responderam acompanhadas do responsável.

Posteriormente, aplicou-se, em sala de aula, o Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (TCLPP), único teste validado no Brasil, que se configura em um instrumento psicométrico e neuropsicológico cognitivo, cujos objetivos são avaliar as estratégias de leitura utilizadas pelas crianças e o desempenho na utilização dessas estratégias, para, com isso, verificar-se a ocorrência de dislexia. O instrumento prevê a realização de sete subtestes, com 10 itens cada um: pseudo palavras estranhas (PE), vizinha semântica (VS), correta regular (CR), correta irregular (CI), vizinha fonológica (VF), pseudo palavras homófonas (PH) e vizinha visual (VV).

Os alunos identificados pelo teste, ou seja, rebaixados no TCLPP, foram submetidos à triagem auditiva escolar e a um teste de inteligência para o diagnóstico de exclusão de deficiência auditiva e mental.

Os dados coletados foram codificados, revisados e duplamente inseridos no programa Epi-Info 6.04d. Após a digitação, o banco de dados foi transferido para o pacote estatístico *SPSS 13.0*, a partir dos quais foi realizada a análise univariada com a obtenção de estatísticas descritivas para as variáveis de interesse. Em seguida, a prevalência de dificuldade de leitura foi comparada entre as categorias das variáveis independentes, utilizando-se o teste do qui-quadrado com nível de significância de 5%. Também foram calculadas as razões de prevalência com intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prevalência de dislexia encontrada (12,3%) esteve de acordo com outros estudos, que relataram índices de 10 a 17%. Como já referido na literatura, a dislexia foi mais prevalente nos meninos, concordando com (Rotta, Ohlweiler *et al.*, 2007; Fletcher, 2009; Capellini, Ferreira *et al.*, 2007) e nas classes D e E (Fletcher, 2009; Pastura, Mattos *et al.*, 2009). Segundo esses autores, os mais pobres também apresentaram um pior desempenho acadêmico, o que se pode justificar pelo pouco contato com estímulos escritos, e por questões ligadas a pobreza, como a entrada tardia na escola, a desnutrição, entre outros. Conforme a Tabela 1 observou-se que a dislexia foi significativamente mais prevalente nos meninos, sendo quase duas vezes maior do que nas meninas. No 1^o ano escolar, assim como nas crianças de seis a oito anos, verificou-se uma prevalência maior de dislexia quando comparados com os outros anos escolares e idades da amostra. Nas classes D e E a dislexia ocorreu de maneira mais prevalente

também. No que se refere à conduta e à hiperatividade a dislexia se deu de forma significativamente mais prevalente para aqueles que apresentam esses transtornos. A hiperatividade e o transtorno de conduta também se associaram significativamente com a dislexia em nossa pesquisa, assim como nos estudos de (Wisniewska, Baranowska *et al.*, 2007; Marzocchi, Oosterlaan *et al.*, 2008; Mugnaini, Lassi *et al.*, 2009; Pastura, Mattos *et al.*, 2009). Concorda-se com esses autores que classificam tais dificuldades associadas e coexistentes, não havendo hierarquia entre elas.

Tabela 1: Distribuição da amostra e prevalência de dislexia de acordo com características sociodemográficas, educacionais e comportamentais. Pelotas, RS, 2009.

	N	%	Dificuldades de leitura	RP (IC95%)*
Sexo				
Masculino	283	54,6 %	15,4%	1,80 (1,09-2,97)
Feminino	235	45,4 %	8,5%	1,00
Idade (anos)				
6-8	230	44,4%	19,2%	2,88 (1,73-4,80)
9-16	288	55,6%	6,7%	1,00
Classe econômica				
A/B	96	18,5%	8,3%	1,0
C	309	59,7%	12,1%	1,46 (0,70-3,02)
D/E	111	21,4%	16,2%	1,95 (0,89-4,27)
Ano escolar				
1º	116	22,4%	23,7%	5,01 (2,64-9,54)
2º	147	28,7%	16,4%	3,48 (1,79-6,75)
3º e 4º	255	49,2%	4,7%	1,0
Transtorno de conduta				
Sim	131	26,1%	18,6%	2,07 (1,28-3,37)
Não	370	73,9%	9,0%	1,00
Hiperatividade				
Sim	165	33,3%	17,9%	2,27 (1,38-3,72)
Não	330	66,7%	7,9%	1,00
Total	518	100%	12,3%	

* Razão de prevalência e intervalo de confiança de 95%.

Nos dois primeiros anos escolares observaram-se maiores dificuldades de leitura. A dislexia é um distúrbio de natureza desenvolvimental, e a leitura melhora de acordo com a escolarização, o que pode ser explicado pelo incipiente contato com a linguagem escrita segundo (Salles e Parente, 2002).

Esse comportamento observado sugere que, mesmo com dificuldades de leitura, com o avançar da escolaridade, as crianças tendem a usar adequadamente a rota lexical, ou seja, quanto maior o contato com a linguagem escrita, maior o banco de unidades lexicais armazenadas.

CONCLUSÃO

A partir desses dados, pretende-se, além de analisar a realidade local e contribuir na melhoria do trabalho da escola, do professor e dos profissionais de saúde, buscar melhores índices na prova Brasil, aumento da taxa de aprovação e diminuição da evasão escolar. É inquestionável a importância da leitura na sociedade da escrita, que só concede direitos e cidadania a quem sabe ler. Verificam-se necessárias propostas de avaliação e intervenção que contemplem aspectos da decodificação e codificação do sistema de conversão grafema-fonema e fonema-grafema do português do Brasil. Portanto, se evidencia a necessidade de fomentar a prevenção, o ensino e a intervenção no sistema de transferência da cadeia sonora da fala para a forma gráfica e escrita.

REFERÊNCIAS

- Capellini, S. A., T. D. L. Ferreira, *et al.* Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida. Rev Soc Bras Fonoaudiol, v.12, n.2, p.114-9. 2007.
- Corso, V. H. e J. Salles. Relação entre leitura de palavras isoladas e compreensão de leitura textual em crianças. Letras Hoje- PUCRS, v.44, n.3, p.28-35. 2009.
- Ellis, A. W. e D. Batista. Leitura, escrita e dislexia uma análise cognitiva. São Paulo: Artes Médicas. 2001
- Farrel, M. Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor. São Paulo: Artmed. 2008
- Fletcher, J. M. Dyslexia: The evolution of a scientific concept. Journal of the International Neuropsychological, v.15, p.501-508. 2009.
- Inep. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Brasília – DF. 2009.
- Marzocchi, G. M., J. Oosterlaan, *et al.* Contrasting deficits on executive functions between ADHD and reading disabled children. . J Child Psychol Psychiatry, v.49, n.5, p.543-52. 2008.
- Mugnaini, D., S. Lassi, *et al.* Internalizing correlates of dyslexia. . World J Pediatr. 2009 Nov, v.5., n.4, p.255-64. 2009.
- Pastura, G. M., P. Mattos, *et al.* Academic performance in ADHD when controlled for comorbid learning disorders, family income, and parental education in Brazil. . J Atten Disord, v.12, n.5, p.469-73. 2009.
- Ramos Cury and José Hércules Golfeto, C. Strengths and difficulties questionnaire (SDQ): a study of school children in Ribeirão Preto - Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ): um estudo em escolares de Ribeirão Preto. Rev Bras Psiquiatria, v.25, n.3, p.139-45. 2003.
- Rotta, N. T., L. Ohlweiler, *et al.* Transtornos da Aprendizagem Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed. 2007
- Salles, J. F. D. e M. A. D. M. P. Parente. Processos Cognitivos na Leitura de Palavras em Crianças:Relações com Compreensão e Tempo de Leitura. Psicologia: Reflexão e Crítica, v.15, n.2, p. 321-331. 2002.
- Stackhouse, J., M. Snowling, *et al.* Dislexia, fala e linguagem um manual do profissional. São Paulo: Artmed. 2004
- Wisniewska, B., W. Baranowska, *et al.* The assessment of comorbid disorders in ADHD children and adolescents. Adv Med Sci, v.52, n.1, p.215-7. 2007.

